A PROPÓSITO DE VALÁBRIGA

Já neste periódico me ocupei com uma inscrição de Deláís, em que era mencionado um Flaus, natural de Vallbriga. Uma Bloena, natural da mesma « cidade », figura numa inscrição de Braga, publicada não há muito pelo sr. Albano Belino. Deu esta inscrição ensejo a uma comunicação feita à Academia Real das Ciências de Lisboa, em que se encarecia a importância daqueles monumentos, entre outras razões, por mostrarem « a influência dos Celtas no noroeste da Hispânia, por isso que na palavra Vallbriga entrava o elemento *-briga*, que em céltico quer dizer « fortaleza, monte fortificado, arx. »

Acho útil fazer algumas observações a estas afirmativas, suposto pouco tenha a acrescentar ao que já escrevi noutra parte. O céltico, de que se fala aqui, hl-de ser o neo-céltico—o irlandês, câmbrio, etc. No neo-céltico não existe a palavra *briga*; mas é certo que os celtistas da linguística a decifram satisfatoriamente pelo irlandês e pelo câmbrio (1). ¿É isso porém razão suficiente para a taxarem de céltica? Debalde tenho procurado a prova de que o irlandês e o câmbrio fôsem a língua dos Celtas, e pelo contrário em face da crítica histórica parece-me mais que provado que o câmbrio, e portanto o irlandês, são a língua dos povos pré-célticos das Ilhas Britânicas. Ora quando vejo afirmar sem provas uma proposição qualquer e teimar nela, sem refutar os argumentos adversos, como fazem os celtistas, posso admirar a sua robusta fé, mas não louvar-lha, e tanto menos que não são poucos os casos em que as suas afirmativas estão com falência aberta e insanável.

(Não afirmam êles que os nomes de Albiões, Hiernos e Cynetos são célticos? Pois estes nomes já aparecem no périplo fenício, reproduzido por Avieno na sua *Ora Maritima*, e nenhuma dúvida há que, no tempo do autor dêste documento, os Celtas ainda não tinham invadido as Ilhas Briânicas, onde êle conhecia os Albiões e os Hiernos, nem a Península Ibérica, onde conhecia os Cynetos. Aqui estão pois transformados em célticos por obra dos linguistas três povos antigos muito importantes, que não têm nada de comum com os Celtas.

No noroeste da Espanha encontram-se os nomes de Durius, Tamaca, Avus,

(1) Vidè — *Urkeltischer Sprachschatz*, por Whitley Stokes, pág. 171. Forma o segundo volume do *Vergleichendes Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*, de A. Fick, 4.ª edição.

Næbis, **Minius**, **Tamaris**, **Sala**, que os celtistas igualmente têm alcunhado de célticos. ¿**Havemos** de acreditá-los com os olhos fechados? Com êles abertos vemos o seguinte: que no tempo do autor do périplo, a que acima aludimos, quem habitava no noroeste da Espanha eram os Ligures e Draganes, os quais, diz **êle**, haviam encontrado esta região uma **vácua** gleba pela emigração dos seus anteriores ocupantes. Os Ligures tiveram pois de criar uma toponímia sua, e é de ver que, quando os Celtas chegaram ao noroeste da Península, encontraram uma toponímia radicalmente **ligúrica**. Para admitirmos que os nomes de **Du-rius**, **Tamaca**, **Avus**, **Næbis**, **Minius**, **Tamaris** e **Sala** **são** célticos, **fôrça** era admitir que os Celtas vieram reformar os nomes dêstes rios, aos quais os **Li-gures** não podiam deixar de ter dado nomes seus. (Esta suposição pode tolerar-se? Responda um dos celtistas mais distintos, **Arbois** de Jubainville. Para destruir a celticidade de alguns daqueles nomes, sustentada por A. Pictet, **Ar-bois** de Jubainville, acha bastante observar que nenhum invasor se dá nunca ao trabalho de reformar a toponímia dum país, onde vem fixar-se, e onde os povos prk-existentes ficam formando a grande maioria, como sucedeu no caso presente. E é bem sabido que, não obstante as invasões romana e germânica, os nomes dos rios em questão persistiram até hoje com insignificantes modificações, de sorte que o bom senso e a experiência se **dão** as mãos para fechar a porta a objecções impertinentes.

Aqui temos portanto dez nomes, em que os linguistas se enganam redondamente, classificando-os de célticos, quando êles **são** indubitavelmente **prè-célticos**, e **alguns**, **famos** dizer todos, **indubitavelmente** ligúricos.

Pertencem êles ao ramo árico? Se ainda neste particular os nossos sábios se iludissem, era caso para dizer que a sua ciência não passava duma **fantasmagoria**; e é curioso que seja um celtista da linguística o **único** que tem soprado esta desairosa suspeita. Falámos ainda de **Arbois** de Jubainville, quando na sua polémica com Pictet sustentava que nem arianos podiam ser, mas bascos, os nomes que êste sábio alcunhava de célticos, visto como os povos, que os celtas encontravam no noroeste da Espanha, eram por **Strabão** denominados ibéricos. Não reparou o fogoso polemista que Strabão não podia ver nos povos do noroeste da Espanha senão os Ligures e Draganes do périplo, que já duas vezes **citámos**, e que portanto, segundo a sua própria doutrina — a do arianismo dos Ligures e da sua língua — os nomes em litigio não podiam deixar de ser arianos e **não** bascos (i). Pode mesmo dizer-se que **não** há região alguma da Europa, em que a verdade da sua doutrina esteja tanto a vista, como no noroeste da Espanha, onde por um lado um documento histórico de autoridade indiscutível nos certifica a dominação de povos ligúricos, anteriormente à chegada dos Celtas, por outro lado a linguística nos demonstra o arianismo da sua toponímia **prè-céltica**.

E aqui estão, como se vê, alguns factos muito significativos: quando os Celtas entraram no noroeste da Espanha, dominava aqui uma língua ariana, que os linguistas têm confundido com o céltico, i. é, com uma **língua decifrável**

(i) É para notar que Astarlôa, o bascófilo por excelência, declara que o noroeste da Espanha é duma esterilidade lastimosa no que respeita a nomes bascos.

pelo câmbrio e irlandês, e uma toponímia **prè-céltica**, que muitas vezes se pode dizer irmã gémea do que êles sem **hesitação** chamam céltico; e visto isto, não pode **desconhecer-se** que a celticidade dos nomes em -briga está muito mal parada.

São célticos porquê? [Porque a palavra briga se explica bem pelo irlandês e pelo câmbrico? Mas **não** se explica melhor, nem pior, que outros nomes que vimos ser **prè-célticos**, o de Cynetes, por exemplo. ¿Por serem indiscutivelmente arianos? Mas indiscutivelmente ariana é a toponímia ligúrica do noroeste da Espanha.

Evidentemente a **lingüística**, muito autorizada para afirmar o arianismo **dêstes** nomes, é impotente de todo em todo para resolver se êles **são** célticos, se **ligúricos**; e para sairmos **dêste** embaraço, temos de recorrer a outras ciências, à história, à arqueologia, etc.

A nossa arqueologia está ainda muito pobre de materiais, para poder ser consultada com proveito. **É possível** que, quando se descobrirem e explorarem as cidades em -briga e se puderem comparar com outras genuinamente ligúricas, com Sabroso, por exemplo, entre umas e outras surdam diferenças tais, e tais características **célticas** nas primeiras, que os adversários do celtismo **não** tenham outro remédio senão emmudecer. Quere-me parecer porém que a desilusão **há-de** ser completa. Eu conheço apenas uma cidade com -briga, Loncóbica (no Marco de Canavezes, povoação do Freixo) e **não** vi que se distinguisse em nada das povoações do tipo Sabroso. **É** verdade que o meu exame foi superficial. Estou porém convencido de que um exame aprofundado **não** desmentirá os meus pressentimentos, que pouco valem, mas as **indicações** da história, que valem muito. Porque a história **não** pode ser desfavorável à hipótese céltica. Dos Celtas em geral contam os antigos que eram verdadeiros **bárbaros**, quando apareceram na cena europeia e que Ihes repugnava viver em cidades muradas; dos Celtas do Ana conta **Strabão** e outros que foram fixar-se pelo **promontório** Nério. Ora no promontório Nério e suas imediações **não** há cidade nenhuma em -briga, não faltando fora dai, mesmo entre o Tejo e o Douro, onde ninguém disse nunca que os Celtas se domiciliassem.

Confessemos que, em vista **dêste** simples facto, um povo com defensores menos corajosos que os Celtas já há muito teria sido expulso das nossas cidades em -briga.

Guimarães, 15-2-96.

(Na *Nova Alvorada*, Famalicão, 1896 — v ano, n.º ri).